



O Camponês

ÓRGÃO DOS CAMPONESES DE PORTUGAL

COMEMOREMOS O 1 DE MAIO

Lutando contra a opressão e a exploração no campo, pelas liberdades democráticas e pela Paz

Mais um Primeiro de Maio vamos passar sem o podermos comemorar, como em tantos países, com cortejos e festas dos trabalhadores.

Mas, apesar de vivermos num regime que oprime e explora ao máximo todos os que trabalham, podemos realizar no 1º de Maio muitas acções em defesa dos interesses e aspirações dos trabalhadores.

A melhor forma de comemorar o Dia Internacional dos Trabalhadores, que é festejado em todo o mundo, está em nos juntarmos, em fazermos reuniões em que discutamos os nossos problemas e em que assentemos o que devemos fazer para os resolver.

Os ceifeiros e ceifeiras devem aproveitar esse dia para assentarem a sua acção para a próxima ceifa.

Todos os outros trabalhadores rurais devem aproveitar para se unirem e combinarem também acções. Por todo o lado deve ser levantada a necessidade dum contrato colectivo para os operários agrícolas. Todos os que trabalham no campo devem juntar-se e fazer do 1º de Maio de 1960 uma jornada contra a opressão e exploração, contra o regime de Salazar que impõe uma vida de miséria ou de ruína a todos os camponeses, pelas liberdades democráticas e pela Paz.

A IMPORTANCIA DA REFORMA AGRÁRIA

A existência da propriedade latifundiária, e mais ainda, o seu predomínio, é o maior travão ao desenvolvimento económico e geral de qualquer país.

A terra nas mãos de quem não a trabalha, especialmente o latifúndio impede o progresso técnico, amarra os países a uma baixa produtividade crónica e atasca as massas camponesas na mais negra miséria, pois que, sem possuírem terra, milhões de famílias camponesas ficaram na inteira dependência de meia dúzia de grandes proprietários.

Os próprios capitalistas, especialmente os rendeiros, estão prejudicados com a existência da grande propriedade em mãos de quem não a cultiva directamente, porque, sendo rendeiros, têm de entregar, em forma de renda, uma boa parte do rendimento que tiram, a pessoas que não tem nenhum papel na produção. Em cada ano lá vai para as mãos desse sector parasita (proprietários latifundiários) uma enorme soma de valor que, se ficasse na posse dos produtores, lhes permitiria introduzir progressos técnicos, beneficiar as propriedades tornando-as mais produtivas, etc..

Quando num país predomina o latifúndio, a política do respectivo governo é sempre orientada segundo os interesses dos latifundiários e com prejuízo dos pequenos e médios produtores. Um governo dos latifundiários arranjará sempre forma de dar facilidades aos grandes e criar dificuldades aos pequenos e médios, quer na distribuição dos impostos, fazendo os pequenos pagar muito para que os grandes paguem pouco, quer na compra e venda de produtos, no sistema de crédito, etc.. É isso, como todos sabemos, o que acontece em Portugal. A existência da grande propriedade latifundiária, além do mais

que tem de negativo para a vida do povo e do país, significa que os camponeses, na sua imensa maioria não têm um palmo de terra para plantar uma couve, ou têm pouca e que, portanto, são exploradíssimos por aqueles a quem alugam os braços e sofrem, quase permanentemente, de falta de trabalho.

Antes de se fazer a Reforma Agrária no nosso país, e enquanto ela não se faz, os camponeses poderão, mediante a sua unidade e a sua luta, conseguir trabalho e jornadas mais altas. Mas a solução definitiva e completa dos seus problemas, a sua libertação da miséria essa só a terão com a Reforma Agrária, isto é, a divisão dos latifúndios e sua distribuição pelos camponeses de modo a todos terem terra suficiente para o seu sustento e assistência técnica e financeira.

Mas a Reforma Agrária só pode ser realizada por governos democráticos e progressivos.

Presentemente todos os homens e partidos políticos que querem ser considerados progressivos e patriotas têm de tomar posição favorável à realização da Reforma Agrária. Assim Teixeira Lott, candidato à Presidência do Brasil, promete, se for eleito, realizar a Reforma Agrária, sem a qual - diz ele - não pode haver verdadeiro progresso. E em Cuba o governo revolucionário de Fidel de Castro está, levando a cabo a Reforma Agrária, com o fim de libertar os camponeses da miséria e o país do domínio estrangeiro e do atraso.

A justa compreensão do que é e representará, no nosso país, a Reforma Agrária, levará as massas camponesas a lutar ardentemente por ela, e todos os homens esclarecidos e amigos do país a aceitá-la com entusiasmo, seja qual for a classe a que pertençam.

Feita a Reforma Agrária, a produção agrícola nacional aumentará consideravelmente, a técnica e a ciência serão aplicadas cada vez em mais larga escala, e os camponeses passarão a viver com abundância e sem crises.

A exploração intensa dos camponeses, a sua miséria, o desemprego, etc., desaparecerão no dia em que se fizer a Reforma Agrária.

A Reforma Agrária beneficiará o povo e o país e apenas contraria os interesses ilegítimos dumhas centenas de grandes latifundiários.

ANTE A INCLEMÊNCIA DO TEMPO

RECLAMEMOS AUXÍLIO DAS AUTORIDADES

O tempo invernos com chuvas constantes tem causado enormes dificuldades à vida dos operários agrícolas em todo o país. Em muitas terras do Alentejo, como já noticiamos, eles souberam unir-se e exigir da parte das autoridades e dos grandes agrários a distribuição de géneros e a promessa de trabalho logo que melhorasse o tempo. Esse exemplo deve ser seguido não só em todo o Alentejo como em todas as regiões do país.

Mas o tempo não tem causado dificuldades só aos que apenas pesuem os braços e não têm onde trabalhar. A situação é igualmente angustiosa para os pequenos agricultores que já perderam algumas das suas sementeiras ou estão na impossibilidade de tratar a terra.

Os próprios jornais diários, como «O Seculo», não podem deixar de fazer-se eco da situação negra que está vivendo a nossa pequena lavoura. É de salientar a tragédia dos pequenos agricultores das margens do Tejo que mais uma vez viram os seus terrenos inundados e das margens do Mondego, em idêntica situação. Pode-se di-

zer que por todo o país, a situação é alarmante.

A todos os camponeses que sofrem com a inclemência do tempo um único caminho justo se lhes apresenta - unirem-se fortemente e lutarem por auxílio das autoridades.

PÉQUENAS NOTAS

RENDIMENTO CADA VEZ PIOR

«Há vinte anos, a cultura da batata ocupava no país, uma área aproximada de 30.000 hectares e a produção orçava por 600.000 toneladas, correspondendo assim à média de 20 toneladas por hectare. Nos últimos anos, segundo verificações dos especialistas, a área abrangida por essa cultura elevou-se para cerca de 90.000 hectares, mas a produção anual manteve-se na ordem de 1.150.000 toneladas. A média de rendimento por hectare reduziu-se, consequentemente, a 12,8 toneladas por hectare» (Do «Diário de Lisboa», de 22-1-1960).

DOIS PREÇOS

Na Herdade da Comporta (Margem do Sado) os seareiros têm de pagar ao proprietário da terra 6 arrobas de arroz por cada 2.500 metros quadrados de terreno (1/4 de hectare). Pagam também o seguro e o sezonismo. Se pagam tudo em arroz, com casca, é-lhe atribuído o valor de 2\$55 por quilo. Mas se a renda é paga não com arroz mas com dinheiro então é-lhe atribuído o valor de 3\$70 por quilo.

OS GRANDES E OS PEQUENOS

O preço do trigo pago ao produtor é acrescido com uma percentagem de armazenamento, se o produtor em vez de o entregar logo à federação, o mantém armazenado durante algum tempo. Isto significa que os pequenos produtores, impossibilitados de armazenar, não recebem essa percentagem. Quem a recebe são só os grandes produtores que podem não vender logo o trigo. Além dessa percentagem ainda recebem mais o aumento de peso do trigo devido à humidade e que dá entre 1,5 e 2 quilos por saco.

TEMOS DE LUTAR CONTRA AS EXPERIÊNCIAS ATÓMICAS

Muita gente ainda desconhece os terríveis males que podem resultar da continuação das experiências atómicas.

Actualmente, em virtude das explosões que até hoje se deram, as matérias radioactivas (isto é, que emitem raios) resultantes, já contaminaram a terra numa percentagem perigosa. A continuarem tais experiências, a radioactividade aumenta ainda mais e, segundo explicam os cientistas, em consequência disso dar-se-ão muitos casos de doenças cancerosas incuráveis e o nascimento de muitas crianças anormais.

Dentro dum espírito de apaziguamento da tensão internacional e de maior respeito pelos apelos feitos pelos povos, e seguindo o exemplo da União Soviética, a Inglaterra e

os E. Unidos deixaram de fazer experiências atómicas.

Mas a França decidiu agora fazê-las, apesar dos protestos que se levantaram em todo o mundo. E está fazendo-as no Saará, o que torna possível chegar com facilidade ao nosso país as partículas radioactivas que tão perigosas são.

Isso já sucedeu com a primeira explosão em Fevereiro, pois, apesar da posição das autoridades portuguesas em esconder e negar os factos, pelo menos no Algarve foi notado um aumento da radioactividade.

As experiências no Saará vão continuar. Por todo o lado os povos e até os próprios franceses, protestam contra isso. Nós, que somos dos mais facilmente atingidos pelos perigos, temos igualmente de pro-

testar. Só assim defenderemos a nossa saúde e a nossa vida e um futuro são para os nossos filhos.

Por isso devemos explicar, a quem não conhece, os perigos que resultam dessas experiências e devemos combinar acções de protesto.

Os jovens camponeses do Couço deram um belo exemplo ao recolherem mais de 500 assinaturas na sua terra para uma exposição dirigida à Embaixada Francesa (Rua Santos-o-Velho, 5, Lisboa) em que reclamaram a não realização das experiências.

Façamos o mesmo em todos os lados. Unamos as nossas acções e forcemos as autoridades portuguesas a defenderem as nossas vidas.

Em frente em defesa da PAZ e da VIDA!



VAMOS LÁ CONVERSAR

Ó ZÉ

—Vejo-te satisfeito, Toino, apesar da chuva.
—É verdade, Zé, arreparas bem. Tem chovido tudo o que há para chover. Tem sido uma grande desgraça. Pois apesar disso venho satisfeito. E sabes tu de quê?
—Tu vais-me contar, Toino.
—Venho duma reunião de trabalhadores da minha terra onde estivemos a conversar sobre a necessidade dum contrato colectivo.

—Bravo, Toino, muito me contas. Explica-me isso bem.

—Alembra-te da nossa última conversa? Pois tu falavas que era preciso fazer reuniões para unir e «ouvir as massas», como costumam dizer. E então combinámo-nos e ajuntámos para cima de 30 homens.

—E depois o que se passou?

—Tivemos todos a conversar. Tu sabes que o tempo tem sido uma desgraça. A fome anda-nos a comer. Precisamos de acabar com isto assim. E todos queremos é um contrato colectivo que nos garanta o trabalho durante os 6 dias da semana e com uma jorna razoável. Podes estar certo de que o ambiente é bom. E pelo que contaram lá na reunião já se fizeram outras reuniões em outros lados.

—Está bem, Toino, isso é muito bom. O que é preciso é fazer mais reuniões e por toda a banda de modo a que a vontade de conquistar um contrato colectivo seja geral, se levante em todas as terras.

A luta por um contrato colectivo com uma jorna justa e trabalho assegurado é muito importante e embora seja difícil, se todos nos unirmos será vitoriosa. Mas é preciso reparar que esse contrato se conquista na medida em que lutarmos actualmente contra o desemprego ou por jornas melhores nos trabalhos.

Além disso temos as ceifas mesmo à porta. Nas reuniões que fizemos temos de combinar como lutar, e o que seria melhor era conquistar um contrato mesmo que fosse só para as ceifas, desde que eles nos garantissem uma jorna justa durante todo o tempo da ceifa.

—Tens razão, Zé. Depois era mais fácil conquistar um contrato para todo o ano.

—Em todo o lado onde há ceifa temos de lutar por melhores jornas e para que as máquinas não nos lancem no desemprego. Tem de ficar bem combinado nos contratos que conseguirmos que enquanto houver braços parados as máquinas não trabalhem.

Mas onde não for possível conquistar contratos temos de lutar por jornas compatíveis com o actual custo da vida e com a necessidade que temos de pagar as nossas dívidas.

—Zé, podes estar certo de que vamos discutir as ceifas na nossa próxima reunião lá na terra.

—Mas já tens reunião combinada?

—Pois claro. Fizemos uma mas combinamos já outra. E há-de vir mais gente para escolhermos uma Comissão que ajude a organizar e a orientar a nossa luta.

—Muito bem, Toino. O que vocês fizeram na vossa terra é um bom exemplo para outras. Adeus, Toino, até outro dia, para contarmos o que temos feito.

FALSOS RELIGIOSOS

Durante a segunda quinzena de Janeiro apareceram na região de Coruche, Couço, Lamarosa, etc., vários padres e freiras que procuraram realizar entre a população uma intensa actividade salazarista.

Com grande atrevimento forçavam a entrada nas casas e pressionavam as pessoas a irem assistir a palestras e à passagem de filmes cinematográficos. Lançavam especialmente as suas mentiras e calúnias contra os comunistas mas atingiam todas as pessoas que lutam pelos seus interesses quando afirmavam que assim «andavam por maus caminhos», etc.

A sua maneira de proceder levou muita gente a pensar que eram agentes da PIDE que queriam vasculhar as casas e descobrir quem se destacava na acção esclarecedora e organizadora da população. E o que é verdade é que, por exemplo, na Lamarosa, foram presas várias pessoas por, segundo eles, lhes terem respondido mal.

No Couço convidaram pessoas para participarem numa procissão mas todas se recusaram pelo que o santo foi transportado pelo cabo da GNR, um estudante filho dum fascista da terra, um empregado dos correios e um padre. Como ninguém os seguisse voltaram logo para trás. A reacção da população contra a actividade destes padres e freiras chegou ao ponto de ser escrito a carvão nas paredes da Igreja «Fora com os padres», «Não queremos a releição».

Evidentemente que a posição tomada pela população é a reacção

PORQUE NÃO PÔE O DEDO NA FERIDA

SENHOR DIRECTOR DO SEculo?

(Duma longa carta que recebemos extrahimos os seguintes passos)

O senhor, em vários artigos de fundo do vosso jornal, tem falado sobre alguns problemas dos trabalhadores do campo.

Para que o senhor não escrevesse falsidades, convidámo-lo e vir até ao Alentejo. Visite as nossas aldeias e as nossas casas, procure saber quais são as nossas condições de trabalho ou se estamos desempregados. O senhor não pode falar com objectividade dos problemas do campo se está só em contacto com os grandes agrários e completamente afastado do convívio daqueles que trabalham a terra.

O senhor diz que a lavoura se debate com falta de mão de obra.

Quando no Alentejo e Ribatejo há milhares de trabalhadores que passam semanas e meses sem ganhar um dia de jorna? Quando os

grandes agrários mecanizam a sua agricultura e fazem a maioria dos serviços com a máquina? Quando vemos à nossa frente centenas de milhares de hectares de terra em pousio e cheias de mato?

O senhor diz que o factor fundamental da emigração dos campos para os centros reside na falta de luz, água potável, esgotos, estradas, etc., em muitas povoações. Embora estas faltas existam e muito damente a vida das populações rurais essa não é a razão fundamental.

A razão fundamental reside no abandono em que os trabalhadores do campo foram votados pelo governo. Reside nos seus salários de fome, nas semanas e meses sem trabalho. Reside na falta de um contrato colectivo de trabalho que assegure trabalho, salário mínimo, horário de trabalho, assistência, etc. Reside ainda na cruel e injusta repressão que o governo dirige.

O senhor fala nas grandes áreas irrigadas ou a irrigar. Grandes palavras! Até nós dá vontade de rir! Olhe, as águas da barragem do Maranhão e Montargil lá estão muito socegadas e as margens do Sorraiz desde de Maranhão até Coruche estão por fabricar. Não houve qualquer aumento de terras irrigadas, as que eram antes irrigadas com motores são as agora irrigadas pelos canais.

Nestes 35 anos de Salazar, só duas coisas têm aumentado: miséria e exploração dos trabalhadores e as fortunas dos monopolistas e capitalistas.

Um operário agrícola do Alentejo

8 DE MARÇO

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

No passado dia 8 de Março comemorou-se o 50.º aniversário do Dia Internacional da Mulher.

Além de lembrar essa data, exortamos todas as camponesas a unirem-se e a darem o seu esforço generoso para a luta comum de todo o nosso povo por uma vida melhor.

O apoio e a acção das camponesas para a conquista das justas aspirações quer do operariado agrícola quer dos agricultores, estão fazendo-se sentir de forma cada vez mais sensível em muitas terras. Tal contribuição será decisiva para a vitória da causa dos camponeses.

CARTAS DOS LEITORES

CAMARADAS!

Que triste vida estamos atravessando! Nós sofremos amargas torturas. Somos, entre todas, as que mais sofremos. Para ganharmos uns escassos 10\$00 temos de andar 4 horas de caminho e trabalhar do nascer ao pôr do sol.

Que compramos com estes 10\$00? Não chega para a nossa alimentação quanto mais para o vestuário, calçado, renda de casa e outras necessidades para podermos viver.

O que será feito de nós sem trabalho, sem crédito no comércio, sem qualquer ajuda? Somos tão pobres que no inverno nem roupas temos para nos tapar do frio.

Entre nós há ainda umas mais pobres. Estou a ver aquela casa de família com 5 filhos menores a chorar todos os dias com fome. São todos doentes com a fome que têm passado.

Camponeses! Temos que nos unir e organizar mais para lutar contra esta miserável situação em que nos encontramos. O responsável de tudo isto é o governo de Salazar. A fome e a miséria que se infiltraram nas nossas casas, só serão expulsas dos nossos lares quando Salazar e a sua camarilha for expulsa do poder. E Salazar e

o seu governo só serão expulsos pela luta activa de todo o povo português.

Uma camponesa ribatejana

COUÇO—O João Manuel, operário agrícola de Souzel, para fugir à miséria veio para o Ribatejo. Pai de 5 filhos, o mais velho tem 11 anos e o mais novo 20 meses, tendo o mais velho doença pulmonar. Não tendo de comer nem dinheiro e vendo-se atacado pela miséria e pela fome foi buscar algumas azeitonas para meter a sua fome e a dos seus filhos foi encontrado pelo dono da azeitona, Custódio Henrique e por um seu criado Manuel Balthazar.

Estes dois carrascos espancaram barbaramente o pobre homem deixando-o todo ferido. Levaram-no depois para um celeiro onde ficou toda a noite sem comer e sem roupa. No dia seguinte levaram-no ao posto da GNR mas lá era o seu estado que o próprio cabo foi incapaz de o processar e mandou-o embora.

Isto mostra como a miséria atasta por todo o país e como é errado tantas vezes, procurar trabalho em outras terras onde a situação não é melhor. Tem de ser pela nossa luta, na terra onde vivemos, que conquistamos trabalho ou pão, que conquistamos uma vida melhor.

Trabalhadores do Couço! Desprezei e não falai aos dois carrascos que espancaram o nosso companheiro João Manuel! Todas as pessoas simples e que compreendem a miséria dos trabalhadores não devem falar a estes dois carrascos.

Um operário agrícola

LUTAS DOS OPERÁRIOS AGRÍCOLAS

Na herdade da Figueira, no COUÇO, um rancho de 30 trabalhadores esgalhava por 26\$00 de jorna. Combinaram-se e decidiram pedir 30\$00. O patrão recusou-se e os trabalhadores paralizaram o trabalho durante uma hora travando-se discussão com o patrão. Ao fim da hora os trabalhadores tinham conquistado 28\$00.

Em CORUCHE os trabalhadores rurais procuraram conseguir que a Casa do Povo dê assistência médica.

Em virtude da grande miséria que existe em todo o concelho, trabalhadores têm ido ao governador

civil expor a sua situação. O governador civil mostra-se muito condescendente mas nada resolve. Ainda falsamente afirma que não sabia que a situação dos trabalhadores é tão ruim.

Em ALJUSTREL, em meados de Março as mulheres conseguiram mondar por 18 e 20\$00 e em ERVIDEL a jorna para as mulheres nas mondas chegou a 22\$00.

Nos muros, nas estradas, nas paredes, escreve, fora Salazar inimigo do povo